Real Associação dos Architectos Civis
e Archeologos Portuguezes

MONUMENTOS ARCHEOLOGICOS
DE
CHELLAS

Apontamentos para o catalogo descriptivo dos existentes no Museu do Carmo

COLLIGIDOS PELO SOCIO EFFECTIVO

José Joaquim d'Ascensão Valdez

LISBOA
TYP. FRANCO-PORTUGUEZA (OFF.A LALLEMANT)
6, Rua Antonio Maria Cardoso, 6
1898.

Monumentos Archeologicos de Chellas

NO

MUSEU DO CARMO

Real Associação dos Architectos Civis
e Archeologos Portuguezes

MONUMENTOS ARCHEOLOGICOS
DE
CHELLAS

Apontamentos para o catalogo descriptivo dos existentes no Museu do Carmo

COLLIGIDOS PELO SOCIO EFFECTIVO

José Joaquim d'Ascensão Valdez

LISBOA
TYP. FRANCO-PORTUGUEZA (OFF.A LALLEMANT)
6, Rua Antonio Maria Cardoso, 6
1898.

MONUMENTOS ARCHEOLOGICOS DE CHELLAS

Apontamentos para o catalogo descriptivo dos existentes no Museu do Carmo

---

Encarregado na sessão de 4 de agosto de 1898, pelo Ex.mo Sr. Presidente d'esta Real Associação de descrever os objectos, que tinham estado em dependencias do extincto mosteiro de Chellas, e haviam sido cedidos pela Secretaría de estado dos negocios da guerra, em officio de 22 de junho do mesmo anno, para o Museu Archeologico do Carmo, procurei desempenhar-me d'este honroso encargo, convencido todavia de que esta incumbencia devia ter sido concedida a outro nosso Consocio, competente para fazer uma *noticia historica d'esses objectos*, conforme declara a acta da sessão.

Emfim cumprindo um dever, cumpre-me tambem dizer que a prejudicada é a Associação, porque só posso apresentar apontamentos para o catalogo descriptivo dos mesmos objectos.

Os objectos cedidos ao Museu e designados no

referido officio são: «Uma pedra com inscripção, uma com um pégaso e um grypho e uma outra esquartelada, todas existentes na parede do quintal da sachristia do extincto convento de Chellas. . . Uma pedra que figura tres leões devorando palmas, tres capiteis de pedra e uma pedra com lavôres existentes n'uma arrecadação do mesmo convento. . E treze quadros de azulejo».

Portanto são cinco pedras diversas e tres capiteis (aliás cinco).

Começarei os apontamentos para a descripção d'estes monumentos, padrões historicos da arte antiga, dividindo-os, e collocando-os nas epochas, ás quaes se verifica, elles deverem pertencer.

Sobre as antiguidades de Chellas, encontradas pelas diversas reconstrucções feitas no mosteiro, muito ha publicado por diversos Escriptores, e um nosso erudito Consocio, já fallecido, o Sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, no *Archivo Pittoresco*, Vol. VII, de 1864, publicou uma bem desenvolvida memoria sob o titulo, *Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito)*.

I

Uma pedra com inscripção.

Monumento epigraphico romano, medindo 1^{m},10 em altura, 0^{m},54 de largura e 0,29 de grossura. A inscripção occupa a parte superior 0^{m},40 e a parte completamente liza 0^{m},70.

Foi encontrada na reconstrucção do templo por occasião das obras mandadas executar pela ordem nos annos de 1603 e 1604, sendo prioreza D. Luiza de Noronha, e arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro. Estava enterrada por traz da capella-mór a pouca profundidade, e cobria uma sepultura.

Luiz Marinho de Azevedo, na *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa*, L.° II, Cap. VI, publica a inscripção:

IVLIA. Q. F. F. V.
Q. IVLIVS. Q. F. C.
SEVERVS
H. S. SVNT.

«Cuja significação é. Aqui estão sepultados, Julia Flaminea Vestal, filha de Quinto, e Quinto Julio, filho de Quinto, e Caio Severo. Mais lettras parece, que a pedra tinha, que por estar quebrada se não podem ler, e esta foi a que deu occasião para escrever-se sobre o altar de S. Adrião, que era cippo de Julia Flaminea a qual, com outros seus irmãos, estava n'ella sepultada.»

Vilhena Barbosa no *Arch. Pit.*, Vol. VII, diz: «O cippo de Julia Flaminea,... acha-se na parede do quintal da sachristia. É uma pedra de marmore de seis palmos de comprido e tres de largo; porém mostra estar partida, faltando-lhe algumas lettras. Aqui lhe damos logar, conforme a coriou o nosso desenhador:

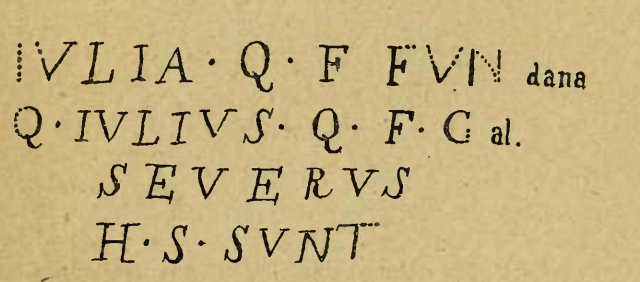
VLIA QFFVI
Q IVLIVS Q F C
SEVERVS
H S SVN

«Posta por extenso deve ler-se, **ao que parece,** da seguinte maneira: *Julia Quinti Filia Flamen Vestalis Julii, Quintus Julius Quinti Filius, Caius Severus Hic Sepulti Sunt.* E em vulgar: Aqui estão sepultados Julia Flaminea, Vestal, filha de Quinto Julio, Quinto Julio filho de Quinto, e Caio Severo. Faltam n'esta inscripção, por se acharem apagadas, a primeira letra do nome de *Julia*,

e a ultima do verbo *sunt*. No fim da primeira linha tambem estão gastas uma ou duas lettras.»

A existencia em Chellas de um templo dedicado á deusa Vesta, habitado e servido por virgens vestaes, foi negada por Fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*, Parte I, Cap. XXIIII, e posta tambem em duvida pelo Dr. Fr. Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana*, Parte III, Cap. XXXVI, e por D. Rodrigo da Cunha na *Historia ecclesiastica da igreja de Lisboa*, Parte II, Cap. XXXVIII.

Ultimamente Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, na sua *Revista Archeologica*, Vol. IV, de 1890, descrevendo as *Antiguidades romanas de Chellas*, publica a inscripção, nova leitura e considerações:



«*Iulia Q. f (ilia) Fun (dana).* | *Q. Iulius Q. f(ilius), G[al(eria tribu)], Severus* | *h(ic) s(iti) sunt.*

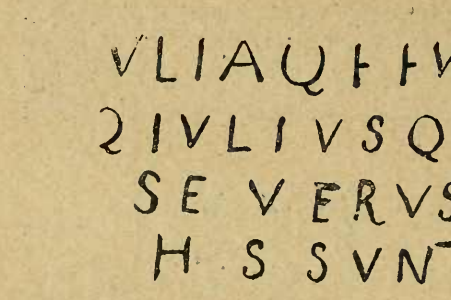
«As ultimas lettras da primeira linha, unicas que nunca foram bem lidas, são indubitavelmente F V N; a pedra partiu pela haste obliqua do N pa-

recendo esta letra um I a olhos inexperientes; mas qualquer que examinar a pedra, reconhecerá claramente o que fica apontado.»

Será pois esta ultima interpretação a que mais probabilidade terá.

Vilhena Barbosa hesitou na leitura de Marinho de Azevedo, pelo que disse «deve ler-se ao que parece».

O exame actual da inscripção na lagea dá o seguinte:

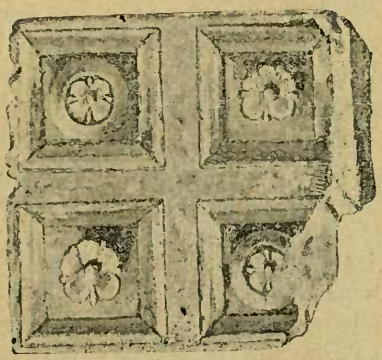


E se verifica, não se poder bem determinar, que as ultimas duas lettras da primeira linha tivessem sido exactamente VN, pelo mau estado da pedra n'este ponto.

II

Uma pedra esquartelada.

Esta esculptura é de epocha romana, e devia ter sido peça de tecto de um peristylo.



Mede $0^{m},81 \times 0^{m},78$ a superficie esculpturada, e a grossura entre $0^{m},25$ e $0^{m},28$.

Marinho de Azevedo e Vilhena Barbosa *l. c.* quasi a descreveram da mesma maneira: «É guarnecida de moldura e esquartelada, tendo em dois

quadrados duas rosas ou florões, e nos outros dois um lavôr espherico a modo de botão.

Borges de Figueiredo tambem a descreveu na *Rev. Arch.*, Vol. IV, pag. 30.

A arte d'esta esculptura é correcta. A molduragem esquartelada fórma quatro quadrados, tendo dois oppostos nos centros, em alto relêvo, florões quinquefoliados com um enfeite espherico no meio; os outros dois florões são semelhantes, mas em ponto reduzido, e com a differença de terem quatro folhas, e estarem dentro de uma moldura circular egual á molduragem dos quatro quadrados, e estes dois relêvos dão approximadamente a fórma de um botão lavrado.

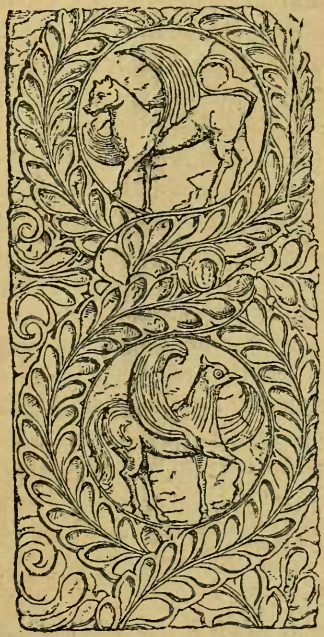
Esta pedra era effectivamente peça de um tecto, e tanto assim que a grossura em dois lados oppostos está em esquadria com a face, e nos outros dois lados é chanfrada da face para o tardoz, tendo por tanto o tardoz maior superficie; circumstancias estas, que não podiam ser attendidas pelos Escriptores citados, porque só viram a pedra assente na alvenaria da parede.

Uma das inscripções existentes na egreja de Chellas, mandadas collocar pelo arcebispo D. Miguel de Castro em 1604, faz referencia a esta pedra como sendo as *armas de el-rei Wamba;* porém Marinho de Azevedo, na *Fund. de Lisboa*, L.° IV, Cap. X, ignorou o fundamento (e com razão) de tal referencia.

Vilhena Barbosa no *Arch. Pit.* e Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno*, Vol. II, *Chellas*, alludem tambem ás armas do rei Wamba.

111

Uma pedra com um pégaso e um grypho.



E' este monumento archeologico uma parte de um pilar, porque em todas as quatro faces se repetem os mesmos ornatos; observando-se porém, que só em uma se acham completos os dois circulos de folhagem, nas outras tres faces ha fallas pelas lascas quebradas na pedra.

Suas dimensões são: altura 0m,96, largura 0m,43 e grossura 0m,42.

Marinho de Azevedo faz menção d'esta pedra no L.° III, Cap. VIII, como sendo do tempo dos romanos, tendo ella, quando foi encontrada, seis palmos com tres circulos.

Vilhena Barbosa, *l. c.* diz: «Pelo gosto do desenho, e por certa perfeição do trabalho, é inquestionavelmente obra dos romanos. Este genero de ornatos era muito usado nos frisos dos edificios romanos, sobre tudo nos templos, alternando-se aquellas ou outras figuras em toda a extensão do friso... Parece-nos ser a referida pedra fragmento de intercolumnio, ou de outro qualquer ornamento collocado ao alto, attenta a posição dos dois animaes fabulosos que alli figuram».

Borges de Figueiredo, *l. c*, julgou esta esculptura, como não sendo trabalho romano, e entendeu que tinha sido «destinada a constituir só pelo relêvo a ornamentação d'uma pilastra».

As conjecturas dos dois ultimos Escriptores, na apreciação do destino da pedra, foram bem fundadas, porque só viram a face em melhor estado, ignorando os lavôres eguaes das outras tres, e julgando-as lizas.

Esta pedra merece ser limpa da argamassa, e

collocada de maneira que possam ser examinadas as quatro faces, e então se verá, que os fabulosos animaes representados são dois gryphos, pois que as cabeças em ambos, tendo cristas ou orelhas, teem bem pronunciados os bicos de aguia. A differença que se nota é um grypho ter a cauda pendida e outro levantada.

A respeito d'este fabuloso animal, suas formas e historia, consulte-se o *Dic. des antiquités grec. et rom.*, de Daremberg, Fasc. 22, *Griphus*.

IV

Uma pedra que figura tres leões devorando palmas.

Esta pedra é parte de um friso, e a epocha da sua arte póde muito bem ser attribuida á do pilar, e talvez tivessem pertencido ao mesmo edificio.

Mede na frente lavrada em comprimento $0^{m},65$, largura e grossura da pedra $0^{m},30$.

Vilhena Barbosa, *l. c.*, descreveu-a: «E' provavelmente, fragmento de um friso cujos lavôres são

em relêvo. A esculptura mostra ser menos perfeita do que a do outro fragmento em que apparecem o grypho e pégaso, e por conseguinte de uma epocha de decadencia para as artes. Comtudo cremos que é obra romana».

Borges de Figueiredo, *l. c.*, tambem a considera como friso, havendo grande relação de trabalho entre elle e o da pedra do grypho, suppondo que tivessem sido obras do mesmo artista. Entendeu porém, que estes dois monumentos não eram romanos, mas sim romanicos.

V

Uma pedra com lavôres.

Esta pedra de superficie oval mede no maior diametro $0^{m},40$ e no menor $0^{m},32$, e tem em relêvo a cruz de S. João de Jerusalem da ordem dos Hospitaleiros.

Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos*, Parte I, L.° I, Cap. XXIII, refere, que depois da tomada de Lisboa aos mouros em 1147, fôra cedida por D. Affonso Henriques a egreja de Chellas aos cavalleiros da ordem de S. João de Jerusalem do Hospital.

Fr. Lucas de S. Catharina nas *Mem. da ord. milit. de S. João de Malta*, pag. 280, tambem diz: «que restaurada finalmente Lisboa, e dada a egreja de Chellas á ordem Hospitalaria, a occupou desde 1147 até 1219».

Fr. Antonio Brandão na *Monarchia Lusit.*, Parte III, L.° X, Cap. XXXVI, e D. Rodrigo da Cunha na *Hist. eccl. de Lisboa*, Parte II, Cap. XXXVIII, hesitaram, sobre quaes teriam sido os primeiros ha-

bitadores do mosteiro de Chellas depois da conquista de Lisboa aos mouros.

José Anastacio de Figueiredo na sua *Nova Hist. da mil. ord. de Malta*, Parte I, pag. 59 e seg. diz, que o mosteiro de Chellas nunca pertenceu á ordem do Hospital, porque não encontrou documentos, que tal provasse.

Deixando esta parte da historia do mosteiro de Chellas, ainda não bem averiguada no principio da monarchia, cumpre mencionar a pedra pela sua antiguidade.

Encontram-se pedras de superficie circular, quadrada e oitavada, tendo em relêvo cruzes de differentes feitios e outros symbolos.

Estas pedras assentes nas naves de egrejas antigas designam a consagração dos templos, e quando dispersas eram destinadas a indicar as cabeceiras das sepulturas de christãos, e algumas teem além da parte circular uma outra parte, que era enterrada, ficando só a circular sobre o solo. Vide *O Archeologo Português*, Vol. I, pag. 280, e Vol. IV, pag 121.

Visitando ha annos, no concelho de Azambuja, o logar de Aveiras de Cima, municipio fundado por D Sancho I, sube que, no terreno junto da sua arruinada egreja, o qual tinha sido cemiterio antigo da freguezia, tinham apparecido pedras redondas com cruzes, e vi algumas, as quaes se achavam no lageado do chão atraz do altar mór, e entre ellas uma com o signo-saimão.

VI

Os capiteis são tres simples (um em muito mau estado de conservação) e um duplo.

Estes capiteis provem da reconstrucção do mosteiro de Chellas nos primeiros tempos da monarchia portugueza. A rudeza do trabalho da sua ornamentação, folhas rematando em flores, mostra ser obra do seculo XII ou mais apropriadamente do seculo XIII.

A parte inferior circular mede uns $0^m,18$ de diametro, a parte superior quadrada de $0^m,27$ a $0^m,32$ de face, medidas approximadas pelo mau estado em que se acham.

Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos*, Parte I, L.° I, Cap. XXIII, Brandão na *Monarchia Lusit.*, Parte III, L.° X, Cap. XXXVI, e D. Rodrigo da Cunha na *Hist. eccl. de Lisboa*, Parte II, Cap. XXXVIII, concordam, que, conquistada Lisboa aos mouros em 1147, D. Affonso Henriques mandou purificar a egreja de Chellas e proceder a obras.

Porém as obras ordenadas por D. Affonso I, deveriam ser de pouca importancia, assim o podemos julgar pelo seu genio guerreiro e empenho de conquistas sobre os mouros, e tambem porque, logo no reinado seguinte, de seu filho D. Sancho I, o bispo de Lisboa, D. Sueiro Annes mandou reconstruir o mosteiro, e então poder-se-ha determinar que os capiteis são provenientes d'esta reconstrucção.

Não deviam ser n'este logar descriptos, sob o titulo de *monumentos archeologicos*, os quinze quadros de azulejo vindos de Chellas, porque não pertencem á Archeologia, e só como productos artisticos devem ser considerados; mas sendo elles provenientes da mesma remessa dos objectos historicos antigos, com os quaes deram entrada no Museu do Carmo, por isso entendi incluil-os nos apontamentos para o catalogo de todos esses objectos.

Os azulejos, nas duas côres azul e branca, são do seculo XVIII, e póde-se bem dizer, que foram collocados na occasião das obras feitas em 1756 e 1757, para reparar os estragos do terremoto.

Quatorze paineis representam os passos da Paixão de Jesus Christo. E' de bom desenho e de bom effeito a ornamentação d'estes paineis no proprio azulejo.

Um painel representa o Archanjo S. Miguel com a espada de fogo expulsando do Céo e precipitando no abysmo o anjo mau acorrentado, sob a forma de dragão com cabeça humana.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 2380